

A RELAÇÃO DE INTERAGÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

THE INTERACTION'S RELATION UNDER THE PERSPECTIVE OF PERSON CENTERED APPROACH

Renan Kendy do Carmo*

Glória Aberg Cobo**

Fernando Hellmann***

Correspondente: Curso de Naturologia Aplicada -
Universidade Do Sul de Santa Catarina –
UNISUL, Palhoça, Santa Catarina, Brasil.
Endereço: Rua Heitor Luz, 225 – AP 710.
CEP: 88015-500
Florianópolis – SC – Brasil.
Telefones: (48) 99030480 e (48) 3279-1013
E-mail: mr_hellmann@hotmail.com

Recebido: 10/09/2012
Revisado: 17/09/2012
Aprovado: 24/09/2012

Resumo: O presente estudo teve por objetivo discutir a relação de interagência e suas aproximações e distanciamentos da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, a partir de uma perspectiva bilateral (naturólogo-interagente) e, além disso, observar como essa relação ocorre na prática clínica do naturólogo. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, exploratório-descritivo, realizado por meio de investigação de campo. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e de observação não participante. Os sujeitos da pesquisa foram divididos em três duplas, cada dupla foi constituída por um naturólogo e um interagente. Os dados foram tratados por meio de análise de conteúdo temático. Os resultados foram descritos em três categorias: (1) Percepções do naturólogo sobre seu papel na relação de interagência; (2) Percepções do interagente sobre si na Relação de Interagência; (3) Concepções de Naturólogos e Interagentes sobre a Relação de Interagência. Concluiu-se que existem convergências e divergências entre o conceito de Relação de Interagência e a concepção de relação terapêutica desenvolvida pela Abordagem Centrada na Pessoa; os aspectos convergentes foram averiguados quando o naturólogo mantinha-se numa postura acolhedora, aceitadora e empática; os aspectos divergentes foram constatados pelas ocasiões em que se registrou diretividade na abordagem das naturólogas em relação às suas avaliações frente aos sintomas relatados pelas interagentes.

Palavras-chave: Naturologia aplicada. Relação de Interagência. Abordagem Centrada na Pessoa.

Abstract: the present study had the objective the discussion of the interaction's relation and it's approximations e distancing about the Person Centered Approach (PCA) of Carl Rogers, from the bilateral perspective (naturologo- inter-agent) and, besides that, observe how this relationship occurs in the clinical practice of the naturologo. This is a study with a qualitive character, descriptive-exploratory, realized by mean of field investigation. The data was collected through semi-structured interviews and non-participant observation. The subjects of the study were divided into three pairs; each pair was constituted by a naturologo and an inter-agent. The data was studied through thematic content analysis. The results were described in three categories: (1) Perceptions of naturologo about his role in the interaction's relation, (2) perceptions of the

* Naturólogo pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Palhoça, Santa Catarina, Brasil e-mail: kendynaturologia@hotmail.com

** Possui graduação em Musicoterapia pela Universidad Del Salvador (1994) e graduação em psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2008). e-mail: gloria_bergcobo@hotmail.com

*** Naturólogo. Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: mr_hellmann@hotmail.com

interagent about themselves on the interaction's relation, (3) Conceptions of Naturólogos and Interagent on the interaction's relation. It was concluded the convergences and divergences exist between the concept of interaction's relation and the conception of therapeutic relation developed by the PCA; the convergent aspects were checked when the naturólogo maintained himself in accepting, emphatic and welcoming posture. The diverging aspects were observed in the occasions in which was registered directivity in the naturologo approach in relation to his evaluations second the symptoms related by the inter-agent.

Key-words: Naturologia. Interaction's Relation. Person Centered Approach.

INTRODUÇÃO

Relação de interagência (RI) é a expressão utilizada no âmbito da Naturologia para designar a relação terapêutica. Dessa forma, a denominação do indivíduo em terapia passa a ser interagente, e não paciente (que remete à passividade), ou cliente (visão mercadológica). Essa relação proposta fundamenta-se na não passividade da pessoa que está em tratamento, consignando-lhe estímulo de autonomia que, por sua vez, retira do terapeuta a responsabilidade com a saúde do indivíduo e terapia, delegando a ele – ao interagente – relevante parcela na busca do desenvolvimento do potencial humano^{7,8,9,10}.

Compreende-se que a RI pressupõe uma relação de compartilhar. Enfatiza-se, neste sentido, a importância da relação de reciprocidade entre o naturólogo e interagente, pois, segundo Barbosa¹, a reciprocidade facilita o processo de reflexão, ressignificação e integração das experiências apreendidas, além de ser um recurso facilitador na lida com os conteúdos que emergem das respostas aos estímulos recebidos pelo interagente (nas práticas naturais). Cabe considerar, portanto, a utilização dessas práticas como componente técnico da formação do bacharel em Naturologia.

A Naturologia, em vista de sua base epistemológica não mecanicista/cartesiana, converge ao movimento da Psicologia Humanista, desenvolvida na segunda metade do século XX, da qual uma das ramificações é a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida pelo psicólogo humanista norte-americano, Carl Renson Rogers. A ACP fundamenta-se em concepções humanistas que contribuíram para a criação de nova corrente de pensamento em abordagem terapêutica⁵.

As teorias da ACP apontam como proposição central a tendência atualizadora e a autorrealizadora; preconiza atitudes positivas direcionais inerentes a todos os organismos, objetivando o crescimento, o autoenvolvimento e a satisfação de suas potencialidades básicas²⁵. Para a manifestação plena dessa tendência, é necessário, segundo tal abordagem, clima passível de definição mediada por três atitudes psicológicas facilitadoras, quais sejam: aceitação plena/incondicional, empatia e congruência/autenticidade^{21,24}.

A relação de interagência, enquanto objeto de estudo, já foi tema de discussão apresentado em Trabalhos de Conclusão de Curso da Naturologia^{1,14,18}. Referente às relações entre a RI e a ACP, ressaltam-se os estudos de Hoffmann¹¹, que buscou discutir a Relação de Interagência à luz das atitudes facilitadoras da ACP. O enfoque dado nesse trabalho levou o autor a concluir que as três atitudes facilitadoras de Rogers, a saber, Aceitação incondicional, Empatia e Congruência, configuram-se como possíveis recursos para a RI da Naturologia. Ao final do Trabalho de Conclusão de Curso, o autor mencionado reconhece a insuficiência teórica a respeito do processo terapêutico na RI, propondo novos estudos acerca das interfaces entre a RI com os pressupostos da ACP.

Até o dado momento, poucas pesquisas puderam abarcar amplamente o tema da RI. Sendo assim, existe uma lacuna a respeito dos aspectos teórico-práticos que embasam tal relação, uma vez que os trabalhos já feitos são unicamente teóricos ou mesmo abordam a RI de forma unilateral, ou seja, as discussões pautaram-se nas entrevistas somente na perspectiva do naturólogo ou apenas na do interagente – não de ambos –, não contemplando, assim, a relação estabelecida, mas sim o posicionamento isolado de uma dessas partes.

Ao ter em vista a compreensão da RI como um aparato facilitador no processo terapêutico, a proposta da presente pesquisa justificou-se ao buscar contribuir na fundamentação teórica da Naturologia em

sua intervenção clínica. Considera-se que o amadurecimento teórico-prático do conceito de RI possa subsidiar com maior profundidade a relação naturólogo-interagente. Assim, este estudo tem por objetivo discutir a relação de interagência no que se refere às aproximações e aos distanciamentos frente à Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, a partir de uma perspectiva bilateral (naturólogo-interagente) e, além disso, observar como essa relação ocorre na prática clínica. De tal modo, surge a questão central do estudo: de que maneira os postulados da ACP estão inclusos na relação de interagência proposta pela Naturologia e quais elementos da RI não são contemplados na ACP?

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa preponderantemente qualitativa, classificada como estudo de campo que propõe análise teórica comparativa entre os aspectos da ACP e a Relação de Interagência. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2012 como trabalho de conclusão de Curso de Naturologia, na Universidade do Sul de Santa Catarina. O estudo foi desenvolvido na região da Grande Florianópolis. Foram selecionadas três duplas, cada qual constituída de um naturólogo e um interagente. A seleção dos participantes deu-se pela forma aleatória simples, sendo solicitada à Associação Brasileira de Naturologia Aplicada (ABRANA), uma lista com a relação dos profissionais cadastrados, atuantes na Grande Florianópolis. A partir dessa lista, enviou-se um e-mail convidando os naturólogos atuantes na região da Grande Florianópolis a participarem da pesquisa. Os três primeiros naturólogos que mostraram interesse foram selecionados. Os critérios de inclusão para participação dos naturólogos foram: estar em efetivo exercício da profissão, realizando atendimento clínico semanal com as práticas naturais e ser graduado em Naturologia. Como critérios de exclusão: não ter disponibilidade para participar da pesquisa, não residir na Grande Florianópolis. Para os interagentes, os critérios de inclusão foram: estar em atendimento naturológico semanal com o naturólogo selecionado; dispor de tempo e vontade para participação da pesquisa. Como critério de exclusão: ser menor de idade; ser graduado ou graduando em Naturologia e desistir do estudo.

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por três bacharéis em Naturologia. Cada naturólogo selecionou um interagente que estava sendo atendido por ele no momento. A amostra foi constituída, no total, por seis participantes, sendo, desses, três naturólogas e três interagentes. Os sujeitos investigados foram constituídos unicamente do sexo feminino, na faixa etária entre 29 e 60 anos de idade. Para preservação da identidade, as naturólogas pesquisadas serão referidas por nome de flores; e as interagentes, por gemas preciosas. Portanto, classificaram-se as duplas em:

- » Dupla 1 – Naturóloga: Orquídea, 51 anos, formada há nove anos. Interagente: Rubi, 53 anos. Foram observadas pelo pesquisador a quinta e a sexta sessão do tratamento naturológico.
- » Dupla 2 – Naturóloga: Jasmim, 29 anos, formada há oito anos. Interagente: Esmeralda, 41 anos. Foram observadas a oitava e a nona sessão do tratamento naturológico.
- » Dupla 3 – Naturóloga: Margarida, 32 anos, formada há três anos. Interagente: Diamante, 60 anos. Foram observados o décimo primeiro e o décimo segundo tratamento naturológico.

A coleta de dados ocorreu no local de trabalho das naturólogas entrevistadas, tendo sido utilizada a técnica de entrevista semiestruturada no primeiro momento, e, posteriormente, no segundo, a observação dirigida, classificada quanto aos seus meios, pela observação direta¹³.

As entrevistas, no presente caso, foram realizadas tanto com a naturóloga quanto com a interagente. Cada qual foi entrevistada separadamente, para diminuição na influência das respostas. Para as naturólogas, seguiu-se roteiro com cinco tópicos principais: (1) Qual a sua compreensão sobre a relação terapêutica? (2) Como você a aplica à relação terapêutica em seus atendimentos? (3) O que é necessário para a construção de uma relação de interagência? (4) Como o naturólogo pode criar uma relação de interagência? (5) Existe alguma situação vivenciada entre você e a sua interagente que a tenha marcado signifi-

ficativamente? Se sim, você poderia contar a situação vivenciada? Para as interagentes, como tópicos principais, foram feitas as seguintes questões: (1) Qual é a percepção que você tem a respeito da maneira de atuação/abordagem terapêutica utilizada pela sua naturóloga? (2) Como você se sente em relação ao atendimento naturopático? (3) Como você definiria a relação estabelecida entre você e a sua naturóloga? (4) Existe alguma situação vivenciada entre você e a sua naturóloga que a tenha marcado significativamente? Se sim, você poderia contar a situação vivenciada?

Utilizou-se o diário de campo, onde foram registrados os dados coletados durante o período de observação dirigida, que ocorreu durante dois atendimentos clínico-naturopáticos de cada dupla (interagente-naturopático), totalizando seis consultas observadas, com duração de uma hora e trinta minutos cada. Nessa modalidade, buscou-se identificar a postura, a fala, a prática utilizada, o ambiente de atendimento, a relação terapeuta-interagente desde o início da sessão, quando o interagente chegou ao consultório, até o momento final do atendimento. Priorizou-se registrar no diário de campo os aspectos mais relevantes ocorridos durante o atendimento naturopático. Os dados colhidos nas observações tiveram intuito de complementar as categorias identificadas na análise de conteúdo temático, apontadas nas entrevistas.

Os dados oriundos das entrevistas foram gravados e, posteriormente, transcritos pelo pesquisador. Foi utilizada a Análise de Conteúdo para tratamento dos dados².

O projeto da presente pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Sul de Santa Catarina e foi aprovado sob o protocolo: 11.539.4.06.III.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias apresentadas a seguir originaram-se da análise de dados das entrevistas. Já os dados da observação não participante serviram como fonte complementar à fala dos entrevistados. Dessa forma, atendendo ao objetivo da pesquisa, foram delimitadas três categorias gerais: a primeira discute a opinião e a percepção geral do naturopático acerca de seu papel na RI; a segunda categoria aborda as percepções dos interagentes sobre si na relação estabelecida com o naturopático; e, a terceira e última categoria focou as percepções dos naturopáticos e dos interagentes sobre a relação estabelecida entre ambos na RI.

Percepções do naturopático sobre seu papel na relação de interagência

Foi possível perceber, no decorrer da coleta de dados, visualizadas na entrevista e nas observações, características apontadas e priorizadas dentro da terapia que se destacaram com maior frequência, tanto na fala, quanto na observação das três naturólogas. Emergiram com maior frequência os itens: transmissão de confiança; o interesse no outro ou compreensão empática; abordagem centrada no interagente ou aspectos de não diretividade; aceitação/não julgamento ou respeito da vontade do outro; utilização das práticas naturais como elemento na relação de interagência. Em seguida, foram constatados, mas apenas na fala de duas naturólogas: a abordagem integrativa e a análise energética do ser humano e a capacidade intuitiva como elemento da relação terapêutica.

O primeiro item que surgiu com maior frequência foi o desejo do naturopático em proporcionar clima de confiança dentro da terapia. Tal ambiência seria oferecida, principalmente, pela fala, postura, clima acolhedor, deixando, como as três naturólogas afirmaram, “o interagente sempre à vontade”. Tal aspecto pode ser observado pela fala das naturólogas:

E eu vejo assim também, que o processo de interagência, além de escutar e do ver, o de sentir através do toque, de tocar a pessoa, de ver onde está frio, onde está quente. De trazer calor da mão para a pessoa, de trazer este aconchego, de trazer esta confiança [...]. (Margarida).

Bem, a princípio o acolhimento, deixando-a bem à vontade, feliz de estar aqui, para que ela possa confiar neste profissional, nós deixamos ela tão à vontade, para que ela possa vir e buscar aquilo que ela precisa. (Orquídea).

Na observação não participante, durante o atendimento das três naturólogas, notou-se, tanto na fala quanto na postura, interesse e preocupação com as interagentes. As naturólogas mantinham fisionomia receptiva, muitas vezes inclinavam-se para frente, a fim de aproximar-se da interagente; em outros momentos, o toque acolhedor, o assentir com a cabeça, o olhar em contato, concentradas em cada detalhe ou mudança de expressão. Rogers²³, ao discorrer sobre a relação de ajuda, expõe a importância do terapeuta em mostrar-se disponível e interessado, pois nenhum processo de ajuda pode existir sem que haja do terapeuta essa disponibilidade interna, e essa disponibilidade deve ser comunicada através da postura e da fala para a pessoa.

Foi apontada, ainda, pelas naturólogas, a Empatia, configurada no interesse em estar com o outro, em uma escuta atenta, profícua, buscando compreender o olhar do outro, interessado em sua história e em seu ponto de vista. Foi percebida essa característica nas três naturólogas entrevistadas. Podemos observar a priorização em ser empática na seguinte fala:

[...] querer saber sobre o outro, de estar interessado na história do outro, por mais diferente que seja essa história da sua, mas estar interessado em saber quem é esse outro, interessado em estar ali do lado do outro, e perceber o outro como a si mesmo. (Margarida).

Sobre a empatia na prática, na observação dos três grupos, pôde-se notar que, durante as entrevistas iniciais, as naturólogas esperavam primeiramente o esvaziamento daquilo que a interagente precisasse falar e, somente depois, buscavam expressar, através da percepção delas, como a interagente poderia estar sentindo-se, ou mesmo, em alguns momentos, faziam apontamentos para entender melhor a história ou o relato. Foi observada, ainda, certa procura das naturólogas em organizar as ideias, buscando pontos focais dentro dos relatos.

Na ACP, a empatia consiste no movimento do terapeuta em se colocar no lugar do outro, buscando uma perspectiva a partir da pessoa, e não a partir de fora ou do terapeuta^{17,15}. Para que o terapeuta seja bem sucedido nessa tarefa, é necessário que se abstenha de seus valores e passe a olhar os fatos e os acontecimentos sob o prisma da pessoa. Na psicoterapia da ACP, é indispensável essa qualidade do terapeuta.

Dentro da RI, outro fator observado foi a priorização das naturólogas em deixar a pessoa à vontade, não a forçando a falar o que não desejasse, não a pressionando sob o pretexto de extrair determinada informação ou assunto. As três naturólogas mantiveram o posicionamento de que o interagente deve expressar-se apenas quando sentir-se preparado.

Esse posicionamento das naturólogas aproxima-se do conceito de não diretividade proposto por Rogers (reformulado, posteriormente, por Abordagem Centrada na Pessoa). Tal conceito refere-se ao papel do terapeuta de não tentar, de alguma forma, manipular, sobrepor uma verdade ou um conceito intelectual, mas sim propor que a direção da terapia estaria embasada naquilo que o cliente traz, e não no que o terapeuta coloca²⁵. Considerada como um ponto central dentro da teoria da ACP, segundo Rogers²³, a forma mais segura em tratar aspectos essenciais, conflituosos e dolorosos de forma construtiva é seguir a estrutura dos sentimentos do cliente, da maneira como ele consiga exprimir-se livremente.

Entende-se que uma abordagem centrada na pessoa ocorre justamente no momento em que haja, da parte do terapeuta, disposição e priorização na construção de uma relação aceitadora, respeitando, muitas vezes, a vontade do outro, dando abertura para que ele possa expressar-se livremente num clima isento de apreciações ou julgamentos morais¹⁶. Observou-se a aceitação e o não julgamento na fala da naturóloga: “Demonstrar abertura para que o interagente fale sobre seus assuntos sem julgar, nisso, o naturólogo deve estar atento para as expressões faciais e corporais”. (Jasmim).

Neste sentido, Rogers²⁴, ao discorrer sobre a relação terapêutica, afirma que, se o terapeuta conseguir criar uma relação calorosa, baseada em aceitação e segurança quanto a qualquer tipo de ataque, aceitando de forma integral, indistintamente, conteúdos positivos e negativos, nesse caso o interagente colocará de lado as suas defesas, tornando-se gradualmente capaz de aceitar-se também integralmente.

Ainda sobre a relação terapêutica, foi observada a utilização das práticas naturais como elemento no aprofundamento e construção da RI. Foi relatado pelas três naturólogas que a utilização da música de relaxamento, a cromoterapia de ambiente, os chás aromáticos no momento da entrevista, a fragrância da aromaterapia no ambiente, deixando-o agradável e acolhedor, e o toque terapêutico, são fatores apontados como facilitadores do processo de interagência. Esse aspecto foi mencionado pelas três naturólogas e observado em todos os atendimentos, o que pode ser ilustrado pela seguinte fala:

[...] as práticas naturais que eu mais aplico aqui é a massoterapia e aromaterapia. Eu acho que a partir do momento do toque com o outro, na maioria dos casos, eles se abrem mais, então, eu acho que eu posso considerar o toque como um método de aplicar a relação terapêutica. (Jasmim).

É relevante esse diferencial do tratamento naturológico, no sentido de que, por meio dessas práticas, embora distanciadas das ferramentas terapêuticas utilizadas na ACP, tende a proporcionar um ambiente acolhedor, facilitando, assim, o contato e a aproximação com o interagente. Sob a visão da ACP, esse acolhimento pode ser considerado essencial, pois, para a atmosfera ser terapêutica, é preciso que esteja impregnada de segurança e calor, “é o que torna a relação possível e a faz evoluir gradualmente para um nível afetivo mais profundo.”²³ (p. 87).

Com relação ao atendimento naturológico, um fator considerado relevante foi a busca de duas naturólogas em fazer a interligação entre os sintomas físicos relatados e aspectos psicoemocionais, embasados nas Medicinas Tradicionais Chinesa e Ayurvédica. Embora caracterizado como um dos atributos do atendimento naturológico⁶, na prática mostrou-se tanto interpretativo/diretivo como também uma abordagem reflexiva.

A característica diretiva/interpretativa pôde ser observada no atendimento da Dupla 1 no transcorrer da avaliação dos chakras da interagente, quando a naturóloga Orquídea valeu-se do método da radiestesia (prática já em desuso no curso de Naturologia aplicada²⁸), fundamentado na Medicina Ayurvédica. À medida que eram indicados os chakras bloqueados, a terapeuta questionava sobre os aspectos psicoemocionais relacionados; notou-se, então, pela expressão da interagente, certo desconforto e retraimento, principalmente quando questionada sobre os chakras em desequilíbrio.

Já o aspecto reflexivo pôde ser observado no atendimento da Dupla 3, quando a naturóloga Margarida, mediante o conhecimento da relação de órgãos e emoções, segundo a Medicina Chinesa, investigou concomitante com a interagente, quais relações poderiam estar estabelecidas, visando a reflexão, e não a análise interpretativa, de forma diagnóstica, dos sintomas físicos da interagente.

Destarte, a Dupla 1 distanciou-se da ACP no momento em que a naturóloga, numa abordagem diretiva, interpretou, diagnosticou e propôs um tratamento que, muitas vezes, pode não ser compreendido claramente pela interagente. Segundo Rogers²⁴, quando a pessoa é tratada de forma avaliativa, seja essa avaliação objetivamente exata, ou não, por meio dessa postura crítica, o outro tende a ser visto como um objeto, e não como uma pessoa. Com essa asserção, Rogers quis dizer que, em muitos casos, a pura compreensão intelectualizada do problema, embasada seja em qual teoria for, pode não representar nada para o indivíduo, pois essa interpretação intelectualizada não se efetua em função da experiência da pessoa: as explicações dadas atuam no sentido de “compreender sobre” e não “compreender com”.

Por último, a questão da utilização da intuição dentro da terapia naturológica foi referida por duas profissionais como importante ferramenta dentro do processo terapêutico. Ilustra-se esse fato pela fala de Margarida:

[...] também de trazer a questão da própria intuição, às vezes, antes de eu chegar aqui na interagência, ter uma intuição na noite anterior, ou, assim que eu acordo eu digo ‘o que eu poderia estar levando para ela?’, daí vem na cabeça, leva tal planta, daí chega lá, é exatamente essa que ela necessitava, nesse sentido a intuição se encaixa.

Cabe ressaltar que Rogers²⁶, nos últimos anos de vida, referiu a intuição como algo pouco explorado e, muitas vezes negligenciado ao longo de seu trabalho. Por meio de leituras e experiências próximas de pessoas que trabalhavam nesse campo, o autor percebeu o potencial do ser humano para uma gama de habilidades intuitivas, extracognitivas e transcendentais. Sobre esse ponto de vista, Boainain⁴ afirma que o último desenvolvimento da ACP tendeu para uma aproximação entre a escola e as características da psicologia transpessoal, podendo, dessa forma, afirmar que a intuição poderia fazer parte de uma característica facilitadora dentro da Abordagem Centrada na Pessoa.

Por conseguinte, as características contempladas nas naturólogas, como aceitação e respeito da vontade do indivíduo, demonstração de abertura e disponibilidade, empatia, abordagem centrada no interagente, priorização em deixar o clima acolhedor e seguro, seja pela postura, fala ou pelas ferramentas das práticas naturais e, principalmente, pela capacidade intuitiva, aproximaram-se dos princípios da ACP. No demais, os momentos em que as naturólogas preocuparam-se com a perspicácia no diagnóstico, tendendo para avaliações e para a sutil tentação de guiar o indivíduo, distanciaram-se dos postulados referidos pela ACP.

Percepções do interagente sobre si na Relação de Interagência

Quanto a essa categoria, buscou-se identificar os principais itens dentro do processo terapêutico, a partir da fala dos interagentes e das observações do atendimento, tendo como foco a percepção e a compreensão do interagente sobre si na relação estabelecida com o naturólogo. Dessa forma, surgiram os seguintes itens: Sentimento de segurança/confiança/ sentir-se à vontade; Sensação de ser compreendido; Ampliação da capacidade de percepção e reflexão, itens que emergiram da fala das três interagentes e da observação realizada pelo pesquisador. Em menor proporção, surgiram, cada qual em um interagente, os itens: limite e sentir-se tratado por inteiro.

Dentro da fala dos interagentes na entrevista, o item de maior predominância foi o sentimento de confiança e de segurança nas naturólogas. As interagentes relataram que as naturólogas as deixaram livres para se expressarem. Observamos esse ponto na fala da interagente Rubi:

Eu vejo assim, ela é muito profissional no que faz e, ao mesmo tempo, dentro desse profissionalismo dela, ela tem uma coisa que ti deixa à vontade, não ti prende assim, não fico ressabiada mais pensando 'será que eu devo falar? Será que eu não devo?'. Por que, no começo, eu pensei assim, não vou falar isso por que o que será que ela vai pensar de mim? O que ela vai achar? Então, eu ficava preocupada, pensando no que ela ia achar ou pensar sobre mim.

O processo da terapia segundo a ACP é visto como um *continuum*: no ponto mais baixo, a pessoa tem medo da proximidade, do contato pessoal e o evita de diversas formas, “Quer desempenhar o papel adequado, mas não quer entrar, como pessoa, nesse perigoso e desconhecido mundo do relacionamento. Gradualmente, aprende que é seguro arriscar-se de vez em quando na área dos sentimentos”¹⁹ (p. 105). Na porção superior desse *continuum*, estão os sentimentos inicialmente difíceis de serem compartilhados. Na medida em que se desenvolve a relação terapêutica de confiança, gradativamente diminuem as barreiras ou defesas, permitindo, assim, maior abertura à experiência livre dessas atitudes afetivas consideradas inadequadas (como o sentimento de medo do julgamento do terapeuta); os sentimentos, estando admitidos pela consciência, são facilmente assimilados e transformados pela própria pessoa.

Outro item considerado pelas interagentes foi o sentimento de ser compreendida pela naturóloga. Observamos esse aspecto na asserção:

Ela consegue perceber como eu sou, e como é o problema. Eu acho que teve uma interação muito boa entre nós duas, desde o primeiro momento que eu a vi, até o momento do trabalho dela, que ela foi explicando o que era a Naturologia e o meu tratamento. Eu me sinto muito segura, como se ela soubesse de muita coisa, é como se ela me entendesse. (Esmeralda).

Segundo a ACP, para que a terapia seja efetiva, a pessoa deve perceber que as suas experiências e sentimentos são compreendidos pelo terapeuta. Quando o terapeuta consegue compreender esses sentimentos, mergulhando no mundo subjetivo do outro, comunicando eficientemente essa compreensão, ele se torna capaz de expressar significados da experiência dos quais o indivíduo em terapia está apenas vagamente consciente. Destarte, o terapeuta atua de forma a compreender a visão do outro, objetivando esclarecer e organizar as expressões do indivíduo^{21,15}.

No tocante ao item ampliação da capacidade de percepção e reflexão, as três interagentes afirmaram que, após iniciarem os atendimentos naturológicos, houve uma evolução no sentido de conseguirem visualizar aspectos antes não observados. Nota-se esse ponto na seguinte fala de Rubi, quando diz:

A cada dia que passa, eu vou conseguindo ver certas coisas que eu não via. [...] Porque eu não tinha essa noção, eu não tinha esse hábito de, quando tomar uma decisão, antes pensar...

Nesse contexto, Rogers^{20,23} afirma que, na medida em que os sentimentos e as atitudes afetivas do indivíduo na relação estabelecida permeiam-se por um clima de aceitação, esse fato leva, inevitavelmente, ao *insight* ou autocompreensão. Sem a necessidade de utilizar mecanismos defensivos, ao falar sobre si livremente, o interagente consegue enfrentar os diferentes aspectos do eu sem racionalizá-los nem rejeitá-los. Logo, segundo a ACP, a consequência dessa mudança de percepção faz com que surja por iniciativa do próprio indivíduo a realização de mudanças de atitudes e de suas escolhas num sentido direcional positivo, de crescimento pessoal. Esse aumento da compreensão decorrente do processo terapêutico ocorre, no entanto, de forma gradual, apenas na medida em que a pessoa desenvolve suficiente força psíquica para suportar essas novas percepções.

O próximo item surgiu na fala de apenas uma interagente; discorrendo sobre a naturóloga, a interagente fala a respeito da percepção dela sobre os limites dentro da relação, o que é exemplificado pela afirmativa:

Então ela me ajuda, deixando-me à vontade, ela me deixa à vontade com limite, é claro. Ela me dá bastante limite, bastante, e é isso que a gente precisa, de sentir limite, né? [...] Tem horas que ela fala algumas coisas me puxando: 'Ei! Olha tais assim e assim, o que tu acha? Tais ponderando?'. Me colocava na realidade. (Rubi).

Segundo a ACP, em toda terapia deve haver limites claramente compreendidos e construtivamente utilizados. Esses servem para estruturar a relação num quadro de referência definido, podendo ser assumidos na clareza da responsabilidade diante das ações e problemas do indivíduo em terapia, no limite de tempo, limites nos comportamentos agressivos e na resposta afetiva que o terapeuta impõe a si. O terapeuta, por mais que deseje ajudar, não deve assumir a responsabilidade pela resolução dos problemas da pessoa, pois uma relação construída na dependência impossibilita o crescimento pessoal e a autonomia do indivíduo²³.

O último item, sentir-se tratado por inteiro, foi observado também na fala de uma interagente. Este aspecto compreende o tratamento integralizado, referido como abordagem do naturólogo. A percepção da interagente pode ser observada na asserção:

Desde quando eu comecei este tratamento com ela, eu estou me sentindo muito bem. Ajuda em todos os sentidos, tanto em algum problema físico, psicológico como espiritualmente. (Diamante).

O tratamento naturológico diferencia-se da ACP nesse aspecto, pois as modalidades terapêuticas desenvolvidas no curso visam considerar a multidimensionalidade do ser humano, abrangendo aspectos físicos, psicoemocionais e energéticos, ampliados pelo meio social onde esse indivíduo está inserido^{3,6}. Embora a ACP tenha se restringido em grande parte à psicoterapia e à qualidade das relações humanas, por ter como base a Psicologia Humanista, considera a visão ampliada da *gestalt*, com a qual avista o

homem como um todo complexo e dinamicamente integrado¹. Nesse ponto, o que pode se aproximar da ACP não é a ferramenta terapêutica empregada pela Naturologia, mas sim, a concepção epistemológica semelhante que, frente ao positivismo cartesiano das ciências modernas, rejeita a visão patogênica, elementarista e fragmentadora do homem.

Alguns aspectos na fala dos interagentes parecem confluir com as prioridades da relação de interagir relatadas pelas naturólogas. O sentimento de segurança para se expressarem livremente, a empatia nos momentos quando se sentem compreendidas, os *insights* alcançados são pontos decisivos na construção da relação percebida pelas interagentes. O aspecto que se distanciou da ACP foi a abrangência do tratamento natrológico e as ferramentas interventivas utilizadas no tratamento. Foram considerados, além do campo psíquico, o fisiológico e o energético, principalmente em questões relativas ao estilo de vida, questões de saúde, qualidade de vida. O estímulo por meio das práticas naturais para o reestabelecimento da saúde em suas diversas dimensões diferenciou-se da ACP.

Concepções de Naturólogos e Interagentes sobre a Relação de Interagir

A Relação de Interagir tem sido um eixo estruturante do curso de Naturologia, pois é mediante esta abordagem que o naturólogo possibilita o contato e a aproximação com o interagente. Nessa categoria, discute-se a relação terapêutica naturólogo-interagente propriamente dita. Identificaram-se, nas entrevistas com os naturólogos e interagentes, as seguintes subcategorias para discussão: relação de troca; crença no potencial humano; relação horizontalizada.

Nessa relação, necessariamente ocorre troca, ação recíproca, interação. Estão presentes, ainda que não de forma explícita, as interfaces sobre a relação de troca na subsequente fala da naturóloga Jasmim:

[...] e não só em via única... do naturólogo determinar tal floral e o interagente fazer, mas também, como às vezes o interagente traz: 'olha, eu li a respeito de tal erva, você acha que ela se encaixa com o meu caso?', tipo o naturólogo, se não conhece, vai pesquisar e traz aquela informação para o interagente, porque tem que ser dos dois lados, né? Não é somente o naturólogo determinar.

Segue-se a fala da interagente Gerânio a respeito da importância da própria participação no processo terapêutico:

A Naturologia pra quem faz a reflexão do que se trata, é muito bom. Mas a pessoa tem que buscar sentir também. [...] Agora se a pessoa vem e deita ali na maca e fica com o pensamento fora, ao invés de se conectar com os benefícios que as terapias podem oferecer, eu acredito que, neste caso, não vale o tratamento.

É necessária, como explicitado acima, a participação ativa do interagente na busca de recuperação, manutenção e ampliação da saúde. Pois, em vista dos termos utilizados para denominar a pessoa em terapias anteriores como paciente (que remete à passividade), ou cliente (visão mercadológica), o termo interagente coincide com o enfoque relacional horizontalizado.

Nesse mesmo aspecto, a ACP, ao dar preferência pela utilização do termo cliente ao invés de paciente, procurou abolir a conotação de que o indivíduo encontrava-se doente ou de que estivesse participando de algum experimento. A intenção era reforçar a participação responsável, voluntária e ativa da pessoa, aludindo à igualdade entre terapeuta e a pessoa que busca ajuda¹⁵.

Por outro lado, na ACP, a relação de ajuda é definida por Rogers²⁵ como sendo expressa no quadro em que ao menos uma das partes procura ajuda no sentido de promover o desenvolvimento, crescimento, maturidade e a capacidade aumentada em seu funcionamento, perante as diversas questões de seu campo experiencial no percurso de sua vida. O terapeuta envolvido nesse processo objetiva facilitar a expressão e a utilização dos recursos funcionais latentes do indivíduo que busca a terapia.

A relação terapêutica desenvolvida pela ACP diferencia-se de outras linhas de terapia. Em outras abordagens, as habilidades e as técnicas do terapeuta devem ser exercidas sobre o indivíduo de forma perspicaz. O terapeuta que segue a ACP como pressuposto teórico direciona-se basicamente as suas habilidades na criação de uma atmosfera aceitadora, calorosa, compreensiva e segura. O raciocínio pauta-se na ideia de que, num clima isento de ataques, a pessoa baixa as suas defesas naturais, permitindo que o indivíduo desenvolva-se num sentido direcional positivo²².

No entanto, para que a prática dessa relação possa existir, é necessária a crença no potencial humano, e essa deve advir, segundo a ACP, na crença básica de que todos os seres, humanos e organismos, são movidos por uma tendência natural para buscar o crescimento e o desenvolvimento, na satisfação de sua autorrealização. Rogers referiu-se a tal tendência, como atualizante ou atualizadora. Essa hipótese central parte da premissa de que “Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo.”²⁶ (p. 38). Podemos observar a confiança do naturólogo no interagente na seguinte fala:

Acredito que tudo tem o seu momento, e que se ele não está falando, é porque tem algum motivo, então devemos esperar o tempo do interagente e devemos confiar no interagente. (Jasmim).

Partindo da confiança no potencial humano da naturóloga sobre a interagente, percebe-se na fala da interagente Gerânio o momento no qual ela se sente estimulada a tomar decisões existenciais em sua vida, conforme a seguinte asserção:

Ela sempre deixa eu decidir, só colocando algumas coisas, mas quem tem que decidir sou eu, quem tem que saber sou eu.

Quando se compreende que os indivíduos não precisam ser guiados, manipulados ou forçados a seguir determinada direção, pois, dentro deles, há essa tendência à atualização, o terapeuta tem como papel apenas despertar tal tendência mediante determinadas condições psicológicas facilitadoras, a saber: Aceitação incondicional, Empatia e Autenticidade. De forma simples, a hipótese referida na teoria de Rogers²¹ é de que as pessoas precisam sentir-se aceitas, compreendidas e livres para serem elas mesmas.

Outra questão levantada é que o conceito de interação no âmbito terapêutico implica a igualdade da relação, o cuidado humanizado e a horizontalidade da relação, sobre a relação naturólogo-interagente. Observam-se esses aspectos na fala de uma das naturólogas entrevistadas:

Eu acho que a relação de interagir se dá quando o naturólogo não se acha superior, se coloca numa posição de igual, onde ele não julgue se outro está certo ou errado diante das concepções de cada um. (Margarida).

Nesse ponto, afirma-se que a relação terapêutica proposta pela Naturologia tem como base uma relação humanizada e horizontalizada. No livro das Interações, observa-se, segundo a fala de Rohde²⁷:

O processo terapêutico não se dá de outra forma. Atender ao outro e percebê-lo como ser humano faz com que o terapeuta coloque-se diante de sua própria condição humana, passível de erros, fraquezas e imperfeições, bem como de qualidades e potencialidades inatas inerentes à humanidade (p. 94).

Conforme se entende o conceito de interação, a relação não se estabelece sob o comando de um e obediência de outro (relação hierarquizada). Nessa relação o naturólogo busca não assumir o caráter de “detentor de todo o saber e conhecimento”. Assim como o interagente, o naturólogo encontra-se, conjuntamente, em processo de contínuo crescimento pessoal. A terapia deve objetivar, entre os indivíduos envolvidos, autonomia e participação ativa, tornando-os, ambos, agentes transformadores de si mesmos^{1,7,9}.

Para a ACP, para que uma relação possa ser considerada terapêutica, a autoridade e a terapia não devem coexistir juntas. A partir de seus pressupostos, não há como criar uma atmosfera permissiva quando existe entre o terapeuta e o indivíduo um caráter de autoridade²³.

Tendo em vista esses dois enfoques, da relação terapêutica concebida pela Naturologia e a concepção da relação terapêutica da ACP, pode-se afirmar que a relação de interagência fundamentada no princípio da troca, no caráter acolhedor da escuta e da relação humanizada e horizontalizada, assemelha-se à relação terapêutica, idealizada pela ACP. Como foi discutido, para a construção da relação de interagência, exige-se da parte do Naturólogo certa confiança na potencialidade do interagente, pautada numa relação não hierarquizante. Nesse sentido, o conhecimento da ACP, embasado na crença do potencial humano, em sua tendência atualizadora, pode enriquecer o sentido da relação terapêutica entre naturólogo-interagente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com vista à temática relação de interagência, o propósito desta pesquisa não foi discutir exclusivamente aspectos teóricos desse conceito, mas, sobretudo, possibilitar discussão sob um enfoque ampliado dessa relação em sua prática clínica. Ao buscar compreender a relação de interagência, mediante a aproximação de aspectos do conhecimento de duas áreas distintas, a Naturologia e a Psicologia Humanista, sob os pressupostos da ACP, este trabalho objetivou colaborar na construção e aprofundamento do tema relação de interagência. Contudo cabe pontuar o reconhecimento das críticas feitas à ACP, principalmente no tocante ao seu modo de encarar o ser humano, considerado por muitos críticos como excessivamente romântico ou idealizado¹².

Na primeira categoria, a concepção e o estilo de abordagem utilizados pelas naturólogas aproximaram-se daquela priorizada pela ACP. O desejo das naturólogas em transmitir confiança, tanto na fala quanto na postura, utilizando-se dos recursos terapêuticos disponíveis, através do toque, música, cor, aroma, possibilitou a criação de um clima caloroso e acolhedor às interagentes. A escuta atenta, embasada no não julgamento, a compreensão empática, o interesse, a disponibilidade interna para estar com o outro e o uso da capacidade intuitiva foram apontados como princípios próximos aos da ACP. Diferenciaram-se, no entanto, nos momentos em que a naturóloga apresentava uma abordagem diretiva, interpretativa e diagnóstica. Assim, nos momentos em que o naturólogo preocupou-se em avaliar o outro, mesmo no intuito de auxiliar, mas conduzindo o indivíduo, distanciou-se dos postulados referidos pela ACP.

Na segunda categoria, muitos aspectos percebidos pelas interagentes aproximaram-se da relação terapêutica possivelmente experimentada pela pessoa ajudada da ACP. Foram referenciados pelas interagentes com maior frequência: o sentimento de segurança, o sentir-se compreendidas, os *insights* alcançados, o limite definido. Os aspectos que se distanciaram da ACP foram a abrangência do tratamento natrológico e as práticas terapêuticas utilizadas. Seguindo a abordagem integral, as interagentes trouxeram como percepção o fato de sentirem-se tratadas por inteiro. Além do cuidado à saúde, principalmente em questões relativas ao estilo e à qualidade de vida e ao estímulo ao reestabelecimento funcional do organismo pelas práticas naturais, diferenciaram-se da ACP.

Na terceira categoria, percebeu-se semelhança entre a concepção teórica da Relação de Interagência e os pressupostos teóricos da relação terapêutica desenvolvida pela ACP. A relação de troca, a relação de confiança no potencial humano e a relação horizontalizada foram percebidas como elementos constituintes dessa relação.

As limitações do método proposto por esse estudo foram, em primeiro lugar, a influência e a modificação na relação estabelecida entre naturólogo e interagente em decorrência de o pesquisador estar dentro do consultório como observador não participante. Outra questão é que há necessidade de se ampliar esta pesquisa para maior quantidade de pessoas entrevistadas, para maior fidedignidade aos dados obtidos. Além disso, como os sujeitos entrevistados foram constituídos exclusivamente por naturólogos gra-

duados na Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina –, há que se levar em conta a necessidade de aplicar esta pesquisa aos naturólogos da Universidade Anhembi Morumbi. O fato de as participantes serem exclusivamente do sexo feminino deve ser considerado como uma limitação.

Sugerem-se como propostas para futuros estudos as influências das práticas integrativas e complementares como aprofundamento da relação de interagência em seu processo terapêutico. Outro estudo que poderia contribuir para a relação terapêutica da Naturologia seria a investigação de aspectos de diretividade e não diretividade dentro das avaliações e classificações propostas pelas Medicinas Tradicionais Chinesa e Ayurvédica, ou como nos métodos avaliativos utilizados pelos naturólogos, como o método radiestésico, a iridologia e a reflexologia. E, por fim, sugerem-se como estudo, as possíveis relações epistemológicas entre a Naturologia e a Psicologia Humanista, ou mesmo de outras abordagens que enriqueçam o conceito de RI, a fim de contribuir na construção de um arcabouço teórico para uma práxis humanizada na atenção à saúde.

Conflitos de interesse: declararam não haver

Fontes de financiamento: nenhuma

Colaboradores: R. C. Do Carmo desenvolveu este artigo como produção advinda de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Naturologia. F. Hellmann e G. A. Cobo, como seus orientadores, procederam à revisão final do conteúdo.

REFERÊNCIAS

- 1 Barbosa L. A relação de interagência na prática clínica do Naturólogo [Trabalho de conclusão de curso]. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de Naturologia; 2011.
- 2 Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
- 3 Blackburn S. Dicionário Oxford de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar; 1997.
- 4 Boanain Júnior E. Tornar-se transpessoal. Transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus; 1998.
- 5 Carrenho E, Tassinari M, Pinto, MAS. Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas frequentes. São Paulo: Carrenho Editorial; 2010.
- 6 Garcia AW. Saúde na terceira idade à luz da naturologia aplicada. In: Hellmann F, Wedekin LM. O livro das interagências. Tubarão: Unisul; 2008:98-114.
- 7 Hellmann F, Martins GT. Sentido da educação, arte e saúde na relação de interagência. In: Hellmann F, Wedekin LM, Dellagiustina M. Naturologia aplicada: reflexões sobre saúde integral. Tubarão: Unisul; 2008:57-68.
- 9 Hellmann F. Reflexões sobre os referenciais de análise em bioética no ensino da naturologia no Brasil à luz da bioética social [Dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2009.
- 8 Hellmann F, Wedekin LM, Dellagiustina M. Naturologia aplicada: reflexões sobre saúde integral. Tubarão: Unisul; 2008.
- 10 Hellmann F, Wedekin LM. O livro das interagências. Tubarão: Unisul; 2008.
- 11 Hoffmann G. A relação de interagência à luz das atitudes facilitadoras de Carl Rogers: um recurso para o Naturólogo [Trabalho de conclusão de curso]. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de Naturologia; 2010.
- 12 Maia CM, Germano IMP, Moura Júnior FJ. Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e a psicologia narrativa. Revista do Nufen. 2009;1:33-54.
- 13 Markoni MA, Lakatos EM. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2003.
- 14 Mor ACBL, Wedekin LM. Diálogos entre naturologia e antropologia da saúde. Cad. Acad. [Internet] 2011 Jan-Jul [acesso em Out 2011]; 3(1):4-23 Disponível em: < http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Cadernos_Academicos/article/view/584/618.
- 15 Nye RD. Três psicologias: ideias de Freud, Skinner e Rogers. Trad. Robert Brian Taylor. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.
- 16 Palma ALSC. Um jeito de ser centrado na pessoa: uma visão pessoal sobre a formação de psicoterapeutas em Abordagem Centrada na Pessoa. In: Bacellar A, coordenador. A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a Abordagem Centrada na Pessoa. Tubarão, UNISUL; 2009: 153-171.

- 17 Pinto MAS. A Abordagem Centrada na Pessoa e seus princípios. In: Carrenho E, Tassinari M, Pinto MAS. *Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa: dúvidas e perguntas frequentes*. São Paulo: Carrenho editorial; 2010.
- 18 Pinto RL. *A Interagência: orientação intersubjetiva na escolha de um recurso terapêutico* [Trabalho de conclusão de curso]. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de Naturologia; 2011.
- 19 Rogers CR. A equação do processo da psicoterapia. In: Wood JK, et al. *Abordagem Centrada na Pessoa*. 4. ed. Vitória: EDUFES; 2008.
- 20 Rogers CR. Algumas observações sobre a organização da personalidade. In: Wood JK, et al. *Abordagem Centrada na Pessoa*. 4. ed. Vitória: EDUFES; 2008.
- 21 Rogers CR. As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade. In: Wood JK, et al. *Abordagem Centrada na Pessoa*. 4. ed. Vitória: EDUFES; 2008.
- 22 Rogers CR. Aspectos significativos da terapia centrada no cliente. In: Wood JK, et al. *Abordagem Centrada na Pessoa*. 4. ed. Vitória: EDUFES; 2008: 17-36
- 23 Rogers CR. *Psicoterapia e consulta psicológica*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- 24 Rogers CR. *Terapia centrada no cliente*. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
- 25 Rogers CR. *Tornar-se pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- 26 Rogers CR. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU; 1983.
- 27 Rohde AMB. Naturologia no despertar para o processo de cura. In: Hellmann F, Wedekin LM. *O livro das interações*. Tubarão: Unisul; 2008:82-97.
- 28 Souza B, Hellmann F. Análise do uso da radiestesia pendular como método avaliativo dos chakras na terapêutica naturológica. *Cad. Acad* [Internet]. 2011 Jan-Jul [acesso em 2011 Out 27];3(1):57-70. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Cadernos_Academicos/article/view/670.